



Volume I, número 2, jul-dez, 2020, pág. 502-521.

COMPREENDER O COTIDIANO DA COMUNIDADE SURDA: AUTOETNOGRAFIA DE UM PERCURSO DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA¹

*Understanding the daily life of the deaf community: autoethnography of a training
course in psychology*

Antonio Carlos Ramos Júnior

Leandro Limoni de Campos-Fonseca

RESUMO:

No presente trabalho busquei mostrar os mais variados acontecimentos e experiências que adquiri durante minha graduação em Psicologia e que me forneceram de instrumentos que permitiram uma considerável aproximação com a comunidade surda local. A ideia foi discutir aspectos dos documentos oficiais que conduzem o curso de Psicologia (DCN's e o PPC da Uniso) considerando minhas experiências como estudante dentro e fora da universidade. Trata-se neste artigo de uma pesquisa narrativa autoetnográfica sobre um percurso formativo marcado por experiências consideradas fundamentais para a possibilidade de atenção e compreensão do universo da comunidade surda por parte de um estudante de psicologia, futuro psicólogo.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Brasileira de Sinais. Surdez e educação. Psicólogo Bilíngue. Autoetnografia.

ABSTRACT: In this assignment, I have sought to show the most varied events and experiences that I acquired during my graduation in Psychology and that provided me with instruments that allowed a considerable approach to the local deaf community. The idea was to discuss aspects of the official documents conducting the psychology course (DCN's and PPC of Uniso) considering my experiences as a student in and out of the university. This article is an autoethnographic narrative research on a formative journey marked by experiences considered fundamental for the possibility of attention and understanding the deaf community universe by a student of psychology, future psychologist.

Key-Words: Brazilian Sign Language, deafness and education, bilingual psychologist, autoethnography.

1 Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no componente Prática de Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da Universidade de Sorocaba - Uniso, sob orientação do Prof. Me. Leandro Limoni de Campos-Fonseca.



INTRODUÇÃO

A comunidade surda está espalhada por todo o território nacional. Sendo o Brasil um país marcado pela diversidade cultural, possui variações linguísticas, assim como nas suas formas de se vestir, alimentar, situações socioeconômicas, entre outras. Portanto, em algumas regiões, existem variações no que se refere à língua de sinais. As escolas podem vir a ser para o surdo, dependendo da sua proposição, fator de inclusão, separação e preconceito, no que refere a inserção do surdo em sua comunidade.

Segundo Strobel (2008), a cultura surda pode ser caracterizada como o modo a partir do qual os sujeitos surdos buscam habitar, significar, compreender e modificar o mundo, contribuindo para a constituição tanto daquilo que define as comunidades surdas quanto suas identidades enquanto sujeitos surdos. Além disso, é fundamental também considerar, destaca o autor, que as comunidades surdas não são compostas apenas de sujeitos surdos. Há também sujeitos ouvintes que participam deste universo, possuem interesses em comum e contribuem para a complexificação e riqueza presentes nestas comunidades e os territórios que habitam: membros de família, intérpretes, professores, amigos etc.

Uma das funções fundamentais da educação é também a desconstrução dos preconceitos associados à hegemonia do oralismo, que acaba por buscar tratar o sujeito surdo com base em seus próprios parâmetros. É fundamental que o sujeito surdo seja considerado enquanto sujeito surdo, que os aspectos relacionados à sua identidade e à cultura da comunidade surda façam parte do cotidiano escolar, por exemplo, através da inclusão de professores surdos em seu quadro de funcionários (Perlin, 1998).

Devido as escolas, em geral, trabalharem com o método oralista, muitos surdos só querem falar português, impossibilitando assim que o surdo compreenda e se beneficie de sua cultura, da comunidade da qual também faz parte, uma vez que não aprendeu sua forma de se comunicar.

Para compreender o mundo do surdo, os ouvintes precisam buscar entender o contexto em que o surdo está inserido. Muitos acreditam que os surdos, por não



ouvirem, nada sabem. Outros entendem erradamente a língua de sinais como uma língua inferior ao português. Quando os ouvintes buscam verdadeiramente compreender a cultura surda e a língua de sinais, essa ideia de incapacidade desaparece, trazendo assim benefícios a todos.

Breve Histórico da Formação em Psicologia no Brasil

Foi em 1932, no Rio de Janeiro, que o primeiro projeto para instituir o curso de graduação em psicologia no Brasil foi elaborado pelo então diretor do Instituto de Psicologia do Ministério da Educação e Saúde Pública (Centofanti, 1982). No entanto, conforme Centofanti (1982) e Jacó-Vilela (1999), “por pressões religiosas, ideológicas e orçamentárias, esse instituto foi instinto após cinco meses”.

Em 1946, duas leis referendam a institucionalização da Psicologia (Soares, 2010): o Decreto-lei nº 9.092, de 26/03/1946, que estabelece a obrigatoriedade da disciplina de Psicologia Aplicada à Educação para atenção do diploma de licenciado, e a Portaria nº 272, de 13/04/1946, do Ministério de Educação e Saúde, que regulamenta os diplomas de especialização, entre eles o de psicólogo(a). Assim, nasce o “psicólogo especialista”, com psicólogos(as) atuando na clínica, no trabalho e na educação.

Na década de 1950, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, foram criados os dois primeiros cursos de graduação em psicologia. Em 1954, a Associação Brasileira de Psicotécnica, atualmente Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, solicitou junto ao Ministério da Educação, a regulamentação da profissão enviando um esboço de currículo para curso superior de Psicologia.

Em 1959, a Associação Brasileira de psicólogos e a Sociedade de Psicologia de São Paulo apresentaram um anteprojeto que substituiria o esboço anterior. Pode-se observar nessa nova proposta o caráter multidisciplinar da atuação da psicologia, sua vinculação tanto com as ciências biológicas quanto com as ciências humanas, e também sua inserção em três campos que se tornariam clássicos na formação e atuação em Psicologia: clínica, escolar, trabalho.

Em 1962 foi sancionada a Lei nº 4.119, de 27/08/62, que regulamentou a profissão de psicólogo(a) e o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 403, aprovado em 19/12/1962, estabeleceu o currículo mínimo e a duração do curso superior



de Psicologia. Na década seguinte o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais foram criados pela Lei nº 5.766, de 20/12/1971. Suas funções eram de fiscalizar e orientar a prática profissional buscando garantir o compromisso ético na prestação de serviços psicológicos à sociedade, sendo as entidades responsáveis pela construção do primeiro Código de Ética do Psicólogo, publicado em 1975.

Em 2004, através da Resolução CNE/CES nº8, o Ministério da Educação instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Em 2011, a Resolução CNE/CES nº5 estabelece as normas para a formação de Professores de Psicologia, na forma de um projeto pedagógico complementar. Em 2019, as normas da Resolução CNE/CES nº5 foram revistas pela Resolução CNE/CES nº1071². Na perspectiva da formação em psicologia tal como apresentada nestas diretrizes, a surdez é tratada no contexto da deficiência, fazendo com que esta compreensão seja dentro do universo da anormalidade e não do campo da singularidade e da cultura.

Historicamente, coube à Psicologia e a Medicina o estabelecimento dos critérios de normalidade que possibilitaram o enquadramento da surdez no campo da anormalidade, orientando assim as diretrizes do trabalho com a comunidade surda por princípios centrados na reabilitação de um quadro clínico desviante que exige intervenções terapêuticas centradas nesta condição (Skliar, 1997 p. 105).

Analisando a posição que as pessoas surdas ocupam no mundo do trabalho, frequentemente os indivíduos surdos atuam em serviços gerais. São raros os casos onde a pessoa surda ocupa uma posição de liderança. Isso reforça a estereotipagem e a visão negativa dos ouvintes para com esse sujeito e sua comunidade. “A pessoa surda foi acumulando estereótipos que têm reforçado cada vez mais a hegemonia discriminatória de sua produção cultural. O discurso do poder ouvinte mantém-se firme e controla estes estereótipos” (Perlin, 1998 p. 55).

No que se refere a inclusão da pessoa surda no campo da educação, vemos, muitas vezes, uma estruturação que desconsidera a dificuldade e subjetividade da pessoa surda, que é submetida apenas a cultura da comunidade ouvinte. Segundo Soares e Lacerda (2004), “a inclusão almejada acaba ficando somente nos desejos da

2 Fonte: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes?id=12991>.



escola/professora, porque há uma organização que implícita ou explicitamente valoriza o ouvir, o ser ouvinte, e isso acaba aparecendo e marcando as relações, revelando umas práxis pouco ou nada inclusiva”. É necessário que a escola considere a subjetividade e compreenda as necessidades da pessoa surda. Uma possibilidade para essa compreensão seria a inclusão de professores surdos no corpo docente das escolas, sejam essas públicas ou particulares.

Pensando no campo da saúde, mais precisamente da saúde mental da pessoa surda, podemos pensar no atendimento psicológico que é oferecido a estes sujeitos e os desafios que o profissional de psicologia encontra na construção desta atenção:

O ato de prestar atendimento aos surdos apresenta uma série de considerações éticas difíceis para os profissionais do campo da psicologia, como por exemplo, a desconfiança do profissional na área de saúde mental em relação à população surda. A prática exige desses profissionais, conhecimento, treinamento e recursos para que possam obter instruções e se tornarem competentes para realizarem atendimentos éticos aos surdos (Pollard, 2014 p. 11).

Segundo as DCNs (2004), os egressos dos cursos de graduação em psicologia devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde psicológica e psicossocial, tanto em nível individual quanto coletivo, bem como a realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética. Como o psicólogo(a) pode se qualificar para compreender e intervir nas condições específicas que essa comunidade enfrenta nesses diferentes contextos? As estratégias e conteúdos previstos na formação capacitam o profissional a compreender as necessidades da comunidade surda? Pensando na escassez de artigos referentes a tal discussão, propus uma autoetnografia do meu percurso formativo, com olhar voltado para o desenvolvimento das habilidades que me permitiram uma aproximação à comunidade surda que me tornou minimamente capacitado para encontrar uma via de comunicação e compreensão desse universo.

Meus objetivos foram refletir sobre as necessidades da comunidade surda e os desafios que elas colocam para a formação dos profissionais de psicologia através da



construção de uma narrativa sobre experiências significativas vividas durante a formação em psicologia, voltadas para o desenvolvimento de competências e habilidades facilitadoras da aproximação e compreensão das necessidades da comunidade surda.

Assim, esse trabalho buscou contribuir para uma reflexão acerca da formação do psicólogo em geral e da compreensão e atenção às necessidades da comunidade surda, em particular. A ideia foi discutir aspectos dos documentos oficiais que norteiam o curso de Psicologia (DCN's e o PPC da Uniso) à luz da minha experiência como estudante. Nas páginas que se seguem, busquei demonstrar o caminho percorrido na construção desta posição.

MÉTODO

Trata-se neste artigo de uma pesquisa narrativa autoetnográfica sobre um percurso formativo marcado por experiências consideradas fundamentais para a possibilidade de atenção e compreensão do universo da comunidade surda por parte de um estudante de psicologia, futuro psicólogo.

A autoetnografia pode ser considerada parte do conjunto de enfoques alternativos em pesquisa qualitativa. Parte do princípio de que é possível abordar aspectos contextuais ou elementos históricos tomando como base a vida de uma pessoa, de um indivíduo, e a sua experiência em relação a estes contextos e acontecimentos históricos. Conecta a dimensão pessoal à dimensão cultural da vida social. Uma biografia é absolutamente capaz de servir de ponto de partida para a compreensão de uma sociedade. Neste sentido, esta vertente de pesquisa investe na escrita feita em primeira pessoa, muitas vezes valendo-se de estratégias literárias de produção textual. Contempla tanto relatos pessoais e/ou autobiográficos quanto experiências situadas em contextos socioculturais diversificados (Blanco, 2012).



No contexto da pesquisa descrita neste artigo, esta estratégia foi empregada para dar visibilidade aos diversos acontecimentos e vivências que me permitiram adquirir um conjunto de ferramentas capazes de permitir uma aproximação bastante significativa e surpreendente com a comunidade surda local. Meu percurso envolveu a passagem por diversos espaços, desde as salas de aula da universidade, onde tive acesso aos conteúdos e estratégias de trabalho previstas nas DCN's e no PPC da Psicologia da Uniso, quanto experiências que vivenciei fora da Universidade. Estas últimas, refletiram principalmente o meu interesse em ampliar meus conhecimentos e meus recursos para poder estar com as pessoas surdas com um tipo de presença à altura da complexidade e da singularidade das condições vivenciadas por essa comunidade hoje, e compreender de maneira mais apurada as necessidades experimentadas por essa comunidade que poderiam ser assistidas através do trabalho de profissionais da psicologia. Foram registradas através de um diário de campo em que apontei tanto os acontecimentos cotidianos vinculados à essas experiências externas, quanto minhas impressões sobre as situações vivenciadas.

Para a construção da narrativa deste percurso, contei um pouco da história da formação em Psicologia no Brasil. Utilizei documentos oficiais (DCN's e PPC de Psicologia) para contextualizar os parâmetros que nortearam a experiência no contexto da formação proposta pela Universidade de Sorocaba. Apresentei estes documentos e destaquei neles as partes relevantes para a discussão da experiência que vivi ao longo desse tempo. Num segundo momento, a partir do diário de campo elaborado e com resgate de acontecimentos significativos de minha própria memória, descrevi o percurso realizado. Busquei identificar os acontecimentos relevantes para a aquisição das competências e habilidades necessárias para a aproximação com a comunidade surda. Na sequência, discuti este relato resgatando aspectos apontados nos documentos oficiais, problematizando seu papel no favorecimento ou não do desenvolvimento destas habilidades e competências. Por fim, fiz alguns apontamentos acerca da importância da aquisição da LIBRAS para esse processo de aproximação e compreensão das necessidades da comunidade surda, bem como a indicação de que programas de capacitação para atendimento da comunidade surda possam ser desenvolvidos levando em consideração o papel fundamental da aquisição desta linguagem para que o



profissional da psicologia possa estar de fato apto a conhecer e compreender o universo da pessoa surda na sua complexidade e riqueza.

RESULTADOS

As **Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs)**, concebidas em 2004 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), são parâmetros que surgiram para definir e regular o caminho para a formação de estudante, são normas obrigatórias a serem observadas pelas Instituições de Ensino Superior do País. Tem como objetivo formar psicólogos(as) preocupados(as) em desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde psicológica e psicossocial, tanto em nível individual quanto coletivo, bem como a realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética.

À luz dessas diretrizes está o Projeto Pedagógico do Curso de graduação em Psicologia da Uniso (PPC), que visa o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias a compreensão dos fenômenos psicológicos e do ser humano mediante sua complexidade, e um forte compromisso com o desenvolvimento científico e ético da área.

Narrativa da Experiência do Pesquisador

Vou contar minha trajetória, o caminho que tive que percorrer como aluno do curso de psicologia da Universidade de Sorocaba para que pudesse me capacitar o máximo possível para atender a pessoa com deficiência, mais precisamente a população surda. A ideia era, não somente adquirir conhecimento para atender a pessoa surda, mas sim compreender suas reais necessidades, buscar, dentro do possível, enxergar pela sua perspectiva suas dificuldades, necessidades, como se dá essa interação entre seus iguais e com a população “normal” ouvinte.

Meu primeiro contato com um indivíduo surdo se deu quando eu tinha 20 anos, um dos alunos matriculados na academia de capoeira onde eu auxiliava o professor era surdo. Eu notei o desejo que aquele garoto, de aproximadamente 17 anos, tinha de fazer parte daquele grupo, de aprender capoeira. Foi quando comecei a ajudá-lo nos treinos,



com os movimentos e golpes. Porém, me deparei com uma dificuldade maior. Como a capoeira utiliza instrumentos musicais e canto para sua prática, mesmo aprendendo seus movimentos e técnicas, ele ainda tinha muita dificuldade. Toda a essência dessa luta está no canto e em seus instrumentos. Certa vez percebi que sua atenção estava toda voltada aos músicos. Ele balançava a cabeça em cada batida que percussionista dava no berimbau, no pandeiro e no atabaque. Foi nesse momento que passei a ensiná-lo a tocar os instrumentos. Eu permanecia em sua frente dando o ritmo com minhas mãos, enquanto ele acompanhava batendo no atabaque. Em pouco tempo ele passou a participar da orquestra (nome dado aos músicos que tocam os instrumentos na roda de capoeira) e não apenas do jogo, da luta. Entretanto, algo o incomodava, quando saía do ritmo, todos olhavam para ele, constrangido, ele para de tocar imediatamente. Observando isso, pedi aos alunos que não olhassem para ele caso ele saísse do ritmo. Eu iria orientá-lo com gestos, para que ele voltasse a seguir corretamente o ritmo. Com o passar do tempo, os alunos não só se acostumaram com as saídas de ritmo do amigo, mas também a orientá-lo. Isso se tornou natural, porque os olhares que antes eram de espanto e possíveis julgamentos, passaram a ser de afeto e colhimento. Foi então que notei que ali havia sido criado um vínculo entre eles. Nessa minha primeira experiência com uma pessoa com surdez, notei que tal vínculo foi proporcionado apenas pela empatia e o afeto entre o grupo, uma vez que ainda não havia a compreensão no que se refere à linguagem.

Após essa experiência, passei a me incomodar sempre que me deparava com uma pessoa surda. O primeiro pensamento que me acometia era que aquela pessoa estava tentando se comunicar. Minha curiosidade caminhava no sentido de descobrir qual era a visão dessa população no que se refere da sociedade em que estão inseridos. Será que essas pessoas se sentem respeitadas por essa sociedade, tanto na socialização quanto na prestação de serviço de bem comum, mais precisamente as que são (ou deveriam ser) oferecidas e asseguradas pelo Estado? Quais eram suas maiores dificuldades nessa interação em seu cotidiano?

Só dezessete anos depois quando iniciei minha graduação em psicologia, por meio de um seminário apresentado por uma colega, voltei a ter contato com uma pessoa surda. Nesse seminário, participava como convidado um adolescente surdo, que havia



realizado um implante coclear, notei sua surpresa, quando uma garota da plateia o cumprimentou fazendo uso da língua de sinais, a mudança de comportamento dele era nítida, antes da menina o cumprimentar, estava isolado em um canto da sala, após aquela simples comunicação, passou a sorrir e interagir tanto com a colega que apresentava o seminário quanto com a garota que o cumprimentará. O primeiro passo que dei para começar essa jornada incrível de descoberta foi me matricular na disciplina de Libras (Língua Brasileira de Sinais) oferecida pela graduação como disciplina eletiva, ou seja, disciplina não obrigatória. Além da vontade, que confesso não saber por que, em aprender essa língua, minha ideia de aprender era com o intuito de poder atender os surdos, e assim poder compreender suas dificuldades. Iniciei a disciplina com uma turma que tinha aproximadamente 25 alunos, aprendemos o alfabeto de libras, a reconhecer alguns sinais que simbolizavam animais, sentimentos, pessoas, objetos, etc. Aprendemos também a cantar músicas utilizando os sinais e na parte final das aulas, realizamos uma encenação que promovia um diálogo em um ambiente de atendimento psicológico com uma criança surda e uma mãe ouvinte.

Vivenciar essa experiência foi incrível, a interação com os colegas, as atividades que realizávamos utilizando libras, tudo isso foi enriquecedor e serviu para aguçar minha vontade de saber, de poder compreender essa forma de comunicação e suas nuances. Mas algumas questões apareceram, porque sim, eu aprendi o básico da língua brasileira de sinais, mas foi só o básico e sem dificuldade de compreensão, uma vez que todos os meus colegas eram ouvintes, ou seja, nos comunicávamos em português sem dificuldade de compreender ou de ser compreendido. Entendo que foi de suma importância essa disciplina, mas me perguntava: Como vou aprender a língua de sinais se estou me comunicando com um ouvinte? Como compreender a pessoa surda aprendendo sua forma de comunicação fora do seu contexto? Como vou realmente aprender se, quando não sei os sinais, me comunico em português, uma vez que quem está interagindo comigo também recorre ao português quando se depara com as mesmas dificuldades? Essas e outras questões me faziam refletir sobre o que realmente eu teria aprendido.

Ao mesmo tempo que compreendia a importância desse período, tinha consciência de que aquele era apenas o início, e que precisaria de muito mais. A minha



ideia passou a ser não somente aprender uma nova língua para simplesmente me comunicar em uma possível sessão de psicoterapia, mas sim aprender essa linguagem de modo que esse aprendizado me trouxesse um arcabouço necessário para uma melhor compreensão das comorbidades que essa deficiência traz consigo, conseguindo assim, ter a real compreensão das necessidades e dificuldades dessa população. Por entender que o ambiente já tinha me oferecido o máximo que poderia naquele momento, iniciei uma jornada de busca por esse aprendizado em paralelo com minha graduação, pois entendi que o que eu buscava só seria possível ser alcançado fazendo uma imersão no contexto do objeto da minha pesquisa, ou seja, participando da comunidade, assim decidi me matricular em uma instituição que ensinava a língua brasileira de sinais para surdos e ouvintes.

No primeiro dia de aula me foi apresentado o espaço, caminhei pela instituição com o objetivo de conhecer cada sala (espaço físico) e suas funções (modalidade e interação social). São salas para aulas de informática, artesanato, música, biblioteca e um salão maior onde são promovidas as aulas de libras. Apesar de estar observando as dependências do local, pude perceber que os surdos estavam separados dos ouvintes, ou seja, eram dois grupos que se colocavam separados, sem nenhuma socialização, apenas olhares curiosos de um grupo para com o outro. Na segunda aula, a professora apresentou a todos o alfabeto da língua brasileira de sinais, para mim não era novidade, pois essa aula básica eu já havia assistido na graduação. Porém, com o decorrer da aula, percebi uma diferença na dinâmica dessa aula, a forma de aprendizado era mais visual, se na faculdade me comunicava em português para sanar dúvidas quanto a minha compreensão, na instituição o aprendizado era visual, assim, tive que desenvolver outra forma de aprender.

Com o decorrer das aulas busquei aprender cada vez mais a língua de sinais, mas sem deixar de observar como se dava a socialização entre surdos e ouvintes, como se desenvolvia esse vínculo entre os dois grupos. A cada aula que passava eu buscava cada vez mais o contato com os surdos, mesmo sem saber executar perfeitamente os sinais, eu buscava sempre esse contato. Com o andamento das aulas pude perceber que o distanciamento foi diminuindo, uma vez que eles também passaram a se aproximar de mim. Essa aproximação deles comigo foi primordial para meu aprendizado, pois eles



passaram a me corrigir quando, em conversa com eles, eu fazia algum sinal errado, essa interação nos aproximava cada vez mais, diminuindo cada vez mais a distância entre mim e os colegas surdos. Nessas interações eu explicava para eles quais eram meus objetivos, porque eu estava ali aprendendo libras, que não era só pra conversas, mas também para poder me capacitar como profissional para no futuro poder atendê-los sem precisar de interprete. As aulas prosseguiam sempre com a professora ensinando novas configurações de mãos (sinais que formam as palavras), pedindo para que formássemos pequenas frases e em seguida desenvolvêssemos um diálogo com as respectivas frases.

Em um dado momento do curso, a professora pediu para que fossem formados grupos mistos, ou seja, grupo formado por surdos e ouvintes. Nesse momento percebi que meu vínculo com os colegas surdos estava formado, pois três deles me procuraram dizendo que gostariam de ficar no meu grupo. Confesso que fiquei muito feliz, pois entendi que não só estava conseguindo me fazer entender por meio de sua língua, mas também compreendê-los. A professora reuniu os grupos e explicou que cada grupo deveria escolher um assunto que preferisse e posteriormente encenassem uma peça teatral utilizando a língua de sinais. O objetivo era que os grupos executassem todos os sinais possíveis naquela conversação e também pudessem entender os sinais executados pelo colega do grupo.

Ao final desta aula as alunas Sonia e Eva, ambas surdas, acenaram para que as aguardassem, foi quando a aluna Sonia me mostrou em seu celular uma foto de três pessoas, me explicando que se tratava de seu filho e sua nora, ambos surdos e seu neto que era ouvinte. Aproveitei a oportunidade e disse a elas que eu ainda não tinha um sinal de identificação, esse sinal é dado sempre por um surdo e, simbolicamente, dá início a sua entrada na comunidade, é como se a partir daquele momento você estivesse sendo aceito pelo grupo. Elas sorriram, demonstrando uma aparente felicidade e após aproximadamente cinco minutos se dirigiram até a professora dizendo que tinham um sinal para mim. A professora veio até mim sorrindo e bastante entusiasmada, dizendo que as alunas teriam um sinal para mim, assim recebi meu sinal.

Nesse dia me senti parte do grupo, desde a minha chegada, quando me comuniquei utilizando os sinais com o colega surdo que foi abrir o portão, até o



momento que fui apresentado com meu sinal, meu nome em libras. Percebia que a cada aula que passa mais aumentava minha interação com os colegas, parece que tudo vai ficando natural na medida em que consigo compreendê-los e ser compreendido, a cada encontro a minha ideia de que o surdo traz consigo importantes limitações vai desaparecendo e dando início a uma nova reflexão de quão importante é a compreensão do outro por meio da comunicação. Essa compreensão pode evitar problemas como o isolamento e as importantes consequências desse tipo de comportamento. Deixei a aula nesse dia com muita alegria, pois estava conseguindo identificar pontos importantes que podem ser trabalhados pela psicologia, no que se refere às angustias e sofrimentos daqueles que muitas vezes são colocados às margens da sociedade por terem uma deficiência, neste caso a surdez. Pude perceber também o quanto a maioria dos surdos, naquela instituição, se sentem culpados por não serem compreendidos, trazendo para si toda a responsabilidade pelo fato do outro não o compreender.

Na aula seguinte, a professora pediu para que o grupo, já formado anteriormente, escolhesse uma música para cantar em libras, disse que essa atividade era uma das formas de avaliação do curso, e por esse motivo, o grupo teria as próximas duas aulas para ensaiar a música. Apesar de já ter realizado essa atividade anteriormente na graduação de psicologia quando cursei libras, essa se apresentou completamente diferente, pois quando realizei essa tarefa os colegas da psicologia, todas as dúvidas eram tiradas em português, sem maiores dificuldades, no contexto do surdo, não tinha essa possibilidade me obrigando um esforço bem maior para o entendimento das palavras. Outra descoberta foi que, existiam palavras em português que o surdo não conhecia, isso me fez pensar em uma forma de fazê-los compreender a letra. Então escrevi a letra da música em uma folha e reuni todos para que eu pudesse saber quais palavras eles não conheciam, conforme eles pontuavam a frase desconhecida, eu buscava um sinônimo, fiz isso em toda a letra da música, isso possibilitou a compreensão de todos.

Para os ouvintes aquela letra não fazia muito sentido, pois muitas vezes não tinha rima, mas para o surdo fazia todo sentido, uma vez que ele conhecia o significado da palavra e conseqüentemente seu sinal, como só tinha uma folha com a letra da música adaptada, pedi que todos tirassem uma foto para que pudessem ensaiar em casa



durante a semana. Acredito que seja importante relatar um fato bastante interessante, conforme outras duas pessoas perceberam que eu fazia a “tradução” da letra para os colegas compreenderem, elas vieram e passaram a ensaiar com nosso grupo, mesmo essas duas pessoas sendo parte de outro grupo. Fiquei tão intrigado que perguntei o que levou elas virem cantar conosco? Elas sorriram e responderam que gostaram da música, compreendi naquele momento que, quando nos permitimos olhar um fato pela perspectiva do outro, o que aos nossos olhos era incapacidade passa a ser uma forma diferente de compreensão e realização.

Após dois sábados de ensaios, apresentamos a música, aparentemente todos ficaram muito satisfeitos com o resultado e com os elogios da professora. Após todos realizarem essa atividade, a professora disponibilizou alguns livros em uma mesa e pediu para que cada aluno escolhesse um dos livros ou trouxessem um de casa, se preferissem, para ler para o grupo na próxima aula utilizando a língua de sinais. Ela disse que as aulas estavam chegando ao fim e que essa seria outra atividade para avaliar nosso desenvolvimento, só que agora individualmente. Nesse momento parei para refletir no meu objetivo ali, não fazia sentido escolher qualquer título, eu precisava trazer algo ligado à psicologia ou que fizesse parte do contexto das demandas que observei. Foi quando pensei em um livro que havia lido que tinha como título “A parte que falta” que tem como personagem um ser circular que caminha em busca de algo que está fora dele, mas que precisa para ser completo, para ser perfeito, sentindo que sua imperfeição está no fato dele não conseguir encontrar tal parte, trazendo assim a culpa para si. E foi por perceber o sentimento de culpa que o indivíduo traz por não se fazer entender que escolhi esse tem. A ideia era, ao invés de ler, desenvolver pequenos diálogos baseados em dificuldades reais vividas pelo surdo no seu dia a dia, com o objetivo de promover uma reflexão sobre esse sentimento de culpa que a pessoa surda tem pelo fato de não conseguir se comunicar, será que é nele mesmo que falta algo? Será que ele é responsável por muitas vezes não conseguir fazer uma simples compra em um supermercado, ou utilizar um transporte público? Ou até mesmo passar por uma consulta médica ou assistir uma aula sem que precise estar acompanhado de um tradutor ou familiar?



Minha intenção era fazê-los refletir sobre o que é realmente de responsabilidade deles e o que é das outras pessoas, talvez a responsabilidade em promover uma comunicação não seja só deles, mas também dos outros envolvidos nessa comunicação. Após apresentar para a professora a proposta, ela pediu para que eu realizasse com todos os alunos, para isso precisei desenvolver um diálogo para encenar, baseado nas dificuldades em executar as tarefas do cotidiano mais simples com cada aluno. Preparei todo o roteiro com as falas de cada um e enviei para a professora analisar e distribuir para que todos pudessem ensaiar suas falas, fizemos isso nos dois sábados seguintes, até que chegou o dia de apresentar. Todo o diálogo da cena era realizado na língua brasileira de sinais e variavam em diálogos entre pessoas que falavam e compreendiam LIBRAS e pessoas que não falavam nem compreendiam essa forma de comunicação. Uma das encenações que aparentemente os surdos se identificaram consideravelmente, observando as reações da maioria, foi a cena onde: uma mãe leva sua filha surda para uma consulta médica, ao ser chamada, a mãe explica para o médico que terá que acompanhar a filha, pois ela é surda e não consegue se comunicar. O médico então pergunta à mãe se sua filha se comunicava em LIBRAS, após a mãe responder que sim o médico se dirige a moça e diz, utilizando a língua de sinais, que ela poderia entrar sozinha, pois ele também sabia essa forma de comunicação. Nesse momento, uma das colegas surda me olhou e disse que seria muito bom se todos soubessem, porque essa é uma questão que ela gostaria de ter autonomia para resolver sozinha. Esta foi a atividade que encerrou essa etapa do meu aprendizado, a ideia era continuar de imediato o curso de LIBRAS, entretanto, não foi possível, pois a professora não conseguiu fechar uma nova turma, impossibilitando assim a continuação imediata dessa que seria a última etapa do meu aprendizado em sala de aula.

A partir dessa descrição, discutirei agora os aspectos dessa experiência significativa que vivenciei durante minha formação em psicologia, foi uma busca por desenvolvimento de competências e habilidades facilitadoras, voltadas para aproximação e compreensão das necessidades da comunidade surda. Contudo, essa discussão irá transcorrer a luz das DCNs da graduação em psicologia, do PPC da Uniso e até mesmo daquilo que foi preciso percorrer que não constava em nenhum desses



documentos, mas que entendi que era preciso para uma compreensão mais aprofundada das pessoas nesse contexto.

DISCUSSÃO

Como explicitado em outro momento desse trabalho, as DCNs são as normas que regem quais características devem ser asseguradas ao graduando em psicologia, obtidas por meio de busca pela internet, (documento disponibilizado no site do MEC), posso reconhecer na minha ação o sucesso que obtive o corpo docente em assegurar à minha formação um dos eixos dessas diretrizes quando me propicia a compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do País, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão, também quando me assegura a compreensão do princípio de atuar em diferentes contextos, considerando as necessidades sociais e os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades;

Isso me fez refletir não somente em que sociedade está inserida a pessoa surda, mas também qual a visão da psicologia nessa questão, me fazendo pensar como o (a) psicólogo(a) pode atuar para melhor compreender essa visão.

Apesar do PPC da Uniso me propiciar uma disciplina que abrange as necessidades da pessoa com deficiência, pude perceber (analisando a minha experiência em contato direto com o surdo) que nada nessa disciplina me valia para a compreensão dessa comunidade em específico, pois, a questão ali era a comunicação. Sendo assim, no que se refere a compreensão das dificuldades do sujeito surdo, não foi o conteúdo dessa disciplina que me deu habilidade para lidar com as limitações do surdo, mas sim a aquisição de uma nova língua, no caso o aprendizado da LIBRAS. Vale relatar aqui que, a aquisição de uma nova língua não consta nem nas DCNs, nem no PPC da Uniso. Portanto, tive eu que percorrer outro caminho para adquirir condições técnicas para um entendimento mais completo das dificuldades da comunidade surda. Atribuo essa minha capacidade de analisar o que o próprio curso de psicologia tinha de déficit para minha pesquisa, ao próprio curso, pois esse me propiciou ao longo da graduação desenvolver pensamento crítico, sem essa visão crítica das coisas, não seria possível tal entendimento.



Foi pensando em outro eixo estruturante das DCNs e que também faz parte do PPC da Uniso que discorre sobre a Construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia, com incentivo a pesquisa e a continuidade de estudos em nível de pós-graduação que foi desenvolvido este trabalho, pois esse traz em si, aspectos e experiências que propiciam uma reflexão sobre como a psicologia pode enxergar o sujeito surdo por outra perspectiva, uma vez que tal documento traz consigo relatos e vivências advindas de um intercâmbio cultural, ou seja, da minha imersão no mundo do surdo como observador participante, fato que me permitiu uma compreensão mais aprofundada das necessidades do indivíduo nesse contexto.

Assim que pude apropriar-me da linguagem do surdo, mesmo que de forma básica, mas que pudesse compreender e ser compreendido, pude compreender que se afastará de mim a ideia de deficiência, pois não mais reconhecia naqueles sujeitos qualquer déficit. Quanto mais me aproprio da língua brasileira de sinais (LIBRAS), mais compreendo o surdo e suas necessidades. Com isso, me permito refletir que a concepção que temos de deficiência (especificamente no caso da surdez) está mais ligada a ideia que nossa sociedade tem de normalidade, pode tratar-se de uma deficiência projetada pela sociedade “normal” na singularidade do outro. Na perspectiva da psicologia o surdo é tratado como deficiente, fazendo com que esta compreensão seja dentro do universo da deficiência e não do simbólico, reafirmando a noção de normalidade.

Meu percurso mostrou que a aquisição da linguagem foi muito importante para que eu me capacitasse e compreendesse as características dessa comunidade a partir de outra perspectiva, isso me permitiu reconhecer a urgência de terem atendidas as suas necessidades psicológicas. Entendo que, cabe ao profissional de Psicologia, agir para que o sujeito encontre seu lugar na sociedade em que está inserido, trabalhando para que esse indivíduo desenvolva autonomia para que possa encontrar seu lugar nessa sociedade (Tostes, 2018).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao me introduzir na cultura do surdo com o objetivo de melhor compreender suas necessidades e suas possibilidades, para mim ficou claro que, exclusivamente no contexto da surdez, no que se refere a aquisição de instrumentos e habilidades adquiridos para a minha formação como psicólogo, foi muito mais eficiente para essa compreensão a aquisição de uma nova língua do que disciplinas ligadas a pessoas com deficiência. Só pude ter a compreensão os anseios e as necessidades do sujeito, quando passei a me comunicar diretamente com ele, sem intermediários. Não podemos desconsiderar a importância do interprete, que promove inúmeros benefícios, mas no contexto do atendimento psicológico, que impreterivelmente necessita do desenvolvimento do vínculo entre psicólogo e cliente e garantia de sigilo, o contato direto se faz fundamental. Minha imersão no mundo do surdo me mostrou ao longo dessa trajetória que o contato direto promove uma compreensão mais aprimorada não só no que se refere as nuances do indivíduo surdo, mas uma compreensão da minha concepção desse sujeito.

A partir do momento que me apropriei da língua de sinais, de certa forma que me possibilitou a comunicação direta com surdo, a surdez que, era por mim compreendida e analisa pela perspectiva da deficiência, ou seja, vista como algo que faltava no outro, passou a ser compreendida não no campo da deficiência, mas no campo da singularidade, sendo vista agora como algo que o outro faz, mas de forma diferente e que, não tem relação com deficiência, mas sim com singularidade. Estou certo de que a experiência aqui disposta nesse trabalho acrescentou fatores como: conhecimento, habilidades com uma nova língua e maior capacidade de análise crítica, fatores esses importantíssimos para minha formação como psicólogo, uma vez que me proporcionou maior compreensão crítica dos fenômenos que permeiam essa população, fator fundamental para o exercício da profissão. Talvez esse trabalho possa vir a colaborar, pois foi desenvolvido à luz da construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia.

Essa mudança de perspectiva me permite finalizar esta etapa desse estudo com uma reflexão sobre meu comportamento. Sentia-me culpado por não compreender e nem falar inglês fluentemente, mas "culpava" o surdo e o considerava deficiente pelo



mesmo fator, ou seja, por não saber me comunicar em sua língua, com isso, caracterizava assim, o sujeito e sua forma de comunicação como inferior, como deficiente.

REFERÊNCIAS

- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e Observação Participante*. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed.
- Blanco, M. (2012). Autoetnografía: una forma narrativa de generación de conocimientos. *Andamios*, 9(19), p.49-79. Disponível em: <https://andamios.uacm.edu.mx/index.php/andamios/article/download/390/368>. Acesso em 10.11.2019.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2011). *Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em psicologia*. Brasília: MEC/SEB. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em 12 out 2019.
- Pereira, B. A. M; Lourenço, L. M. (2014, Outubro 01) Surdez e psicologia clínica: Contribuições da literatura. In: Pollard, R. Q. What if your client is deaf? *Atrium Experts Monthly Newsletter*, 9(4), p.11-26. Disponível em: <http://www.atriumexperts.com/blogs/view/case-consulting-what-if-your-client-isdeaf>
- Perlin, Gládis Teresinha Tachetto (1998). Identidades surdas. In: (Org.) Skliar, C. A *surdez: um olhar sobre as diferenças* (pp. 55-190). Porto Alegre: Mediação.
- Skliar, Carlos. (1997). Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In. SKLIAR (Org.), *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial* (pp. 105-153). Porto Alegre: Mediação.
- Soares, Fabiana M. R; Lacerda, Cristina B. F. de (2004). O aluno surdo em escola regular: um estudo de caso sobre a construção da identidade. In: Góes, Maria Cecília Rafael de; Laplane, Adriana Lia Frizman de. (Org.). *Políticas e práticas de educação inclusiva*. Campinas: Autores Associados.
- Strobel, K. L.(2008). *Surdos: Vestígios culturais não registrados na história*. (Tese de doutorado). Educação e Processos Inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Tostes, R. S. (2018). A atuação de psicólogo bilíngue no atendimento terapêutico à pessoa surda: Programa de Pós-Graduação em Educação Especial Centro de Educação e Ciências Humanas Universidade de São Carlos.

Recebido: 20/6/2020. Aceito: 20/7/2020.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



UFAM

Autores:

Antonio Carlos Ramos Júnior - Graduando do curso de Psicologia da Universidade de Sorocaba - Uniso. Contato: a.ramos.psic@gmail.com.

Leandro Limoni de Campos-Fonseca - Psicólogo, Mestre em Ciências pela USP (Área de Concentração: Psicologia Social). Membro do Colegiado Docente do curso de Psicologia da Uniso. Contato: leandro.fonseca@prof.uniso.br